

MÁRCIO MOREIRA ALVES

Encarando o passado

Olhar o passado político de um país é um exercício geralmente doloroso, porque os povos não são feitos de heróis. Diante de uma invasão vitoriosa, face a um regime ditatorial triunfante, raros são os que têm a coragem de se levantar. Com o passar do tempo, o silêncio da maioria é renegado ou esquecido. A coragem dos persistentes é apresentada como se fosse o comportamento normal de todos.

Ao longo da última semana tivemos exemplos, grandes e miúdos, das dificuldades de se encarar com franqueza negros períodos da história contemporânea. Na França, o presidente François Mitterrand, atingido por um câncer que talvez não lhe permita chegar ao fim de seu mandato, em maio de 1995, abriu-se diante de milhões de telespectadores sobre a breve participação que teve no regime pró-nazista do marechal Pétain. "Sou originário de uma família católica, de direita, que vivia em um país feliz e tranquilo e não imaginava a proporção do drama que seria chamada a viver. A maioria dos líderes socialistas do mundo são originários de meios burgueses. E a sua evolução, a sua reflexão pessoal, que os fazem mudar de lado. 'Mitterrand passou para a resistência bem antes do fim da guerra. Conseguiu, em 1956, reunificar os socialistas e foi duas vezes candidato à Presidência, antes de finalmente alcançá-la e de renovar o seu mandato. Olhando o passado, declara ter a consciência tranquila, inclusive em relação à principal acusação que lhe fazem: ter mantido relações com antigos colaboracionistas. Eles tinham sido absolvidos pela justiça do pós-Guerra."

O debate sobre as confissões de François Mitterrand dividiu a França mais uma vez, mas tem sido mantido em um nível de elevado respeito humano, demonstrativo da cultura política de um grande país.

A campanha eleitoral tem remexido miudamente com o nosso passado recente. A ditadura militar, guardadas as proporções, foi um período de ocupação. Em nome da guerra fria, e da doutrina de

segurança nacional dela decorrente, as liberdades democráticas foram extintas e brasileiros mataram outros brasileiros, inclusive pela tortura contra prisioneiros indefesos, que é a forma mais vil de covardia.

Passada a tormenta, vem a reconstrução. Os que fizeram a guerra quase nunca sabem fazer a paz. Reconstrução quer dizer futuro a conquistar, o que implica em novos objetivos e metas. As novas alianças, necessárias para alcançá-las, exigem a busca de uma força comum, unitária, através da anistia do passado.

Ao tempo em que liderava as pesquisas de intenções de votos, Lula me confidenciou as preocupações que tinha como uma composição das forças progressistas para organizar um governo de mudança. Pensava em incorporar o PSDB, chefiado por Fernando Henrique, o PDT de Brizola, a parcela ética do PMDB, enfim, algo de parecido com o que o seu feliz adversário de hoje também pensa fazer. A diferença é que parava na soleira do PFL, o partido que julgava ter maiores responsabilidades com a sustentação da ditadura e que, portanto, não anistiava no fundo do coração.

A necessidade de buscar votos determinou mudanças no comportamento dos candidatos. O voto é maniqueísta, preto ou branco, a favor ou contra. E, portanto, inimigo das sutilezas e das nuances. Hoje, Lula acusa Fernando Henrique de fazer um discurso neofascista. Sendo a acusação falsa, perde credibilidade. E Fernando Henrique acusa Lula de ser o representante do atraso na organização da sociedade e do Estado, o que tampouco é verdade.

Falta, no entrechoque de acusações abstratas, respeito pelos eleitores. Olhar o passado é imprescindível para que os seus erros não se repitam. Basear-se apenas nos erros do passado para prever que eles necessariamente se repetirão, é negar a esperança na capacidade dos homens de mudar. Caminho fatal para uma derrota eleitoral, de vez que a esperança é o motor de qualquer eleição.